

Agroecologia e Bem Viver como modo de vida e como modelo sustentável de produção agrícola e de consumo de alimentos

Gisele Elise Diedrich*

Elaine Biondo**

Flávia Muradas Bulhões***

Resumo

O atual modelo convencional de Agricultura vem sendo questionado há muito tempo, especialmente pelos inúmeros impactos negativos que causam a natureza e aos seres humanos. Porém, existem alternativas a esse modelo, entre eles a Agroecologia e o Bem Viver. Neste sentido, o trabalho realizado em uma unidade de produção familiar agroecológica, no interior do município de Santa Clara do Sul/RS, buscou entender e discutir as motivações de uma família de agricultores em optar pela Agroecologia como modo de vida na busca do Bem Viver e os impactos dessa escolha na sua qualidade de vida. O estudo de caso foi realizado no período de janeiro a outubro de 2019, através de pesquisa qualitativa, utilizando o método de história de vida, combinado com entrevista semiestruturada com todos os integrantes da família, observação participante e visita guiada pela propriedade. Os resultados demonstram que a Agroecologia possibilitou à família, criar laços de pertencimento ao seu espaço de vida, com uma relação de respeito à natureza, assim como preconiza o Bem Viver. O modo de vida da família está voltado para a Agroecologia e o Bem Viver, pois busca uma agricultura alternativa, com o uso de técnicas de manejo e conservação que protegem a biodiversidade, através de uma nova relação com a natureza, com respeito a terra e aos recursos naturais, buscando qualidade de vida.

Palavras-chave: Saúde, Bem Viver, Qualidade de Vida, Natureza.

Agroecology and Good Living as a way of life and as a sustainable model for agricultural production and food consumption

Abstract

The current model conventional of Agriculture has long been questioned especially by the numerous negative impacts to nature and human beings. However, there are alternatives to this model, including Agroecology and Good Living. In this sense, the work carried out in an agroecological family production unit, in the interior of the city of Santa Clara do Sul/RS, sought to understand and discuss the motivations of a farmers family to choose agroecology as a way of life in search of good living and the impacts of this choice on quality of life. The case study was conducted from January to October 2019, through qualitative research, with semi-structure interview, participant observation and guided tour of the property. The results demonstrate that the dynamics of agroecology enabled the family to create bonds of belonging to their living space, with a relationship of nature respect, as advocated by Good Living. The family's way of life is focused on Agroecology and good living, as it seeks alternative agriculture, using management and conservation techniques that protect biodiversity through a new relationship with nature, with respect to land and natural resources, seeking quality of life.

Keywords: Health, Good Living, Quality of Life, Nature

* Graduação em Engenharia Agrícola (UNISC) e Especialização em Agroecologia e Produção Orgânica (UERGS). Técnica ATER da Cooperativa de Prestação de Serviços, Assistência Técnica e Educação Rural (COOPSAT). E-mail: giselee.diedrich@gmail.com

** Doutorado em Botânica (UFRGS). Professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). E-mail: elaine-biondo@uergs.edu.br <https://orcid.org/0000-0001-7793-9700>

*** Doutorado em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). E-mail: flavia-bulhoes@uergs.edu.br

1 Introdução

O modelo de produção agrícola convencional vem sendo questionado e debatido (VOGTMANN; WAGNER, 1987; ALTIERI, 2004; ALMEIDA, 2009). Apesar de ser o mais utilizado na maior parte do mundo, os problemas gerados por esse modelo, tanto sociais, quanto ambientais e econômicos, causam inúmeros impactos negativos, entre eles a concentração de terra e renda, o êxodo rural, a desestruturação de comunidades rurais, aumentando a dependência dos agricultores em relação a grandes empresas, estar associado às agressões aos agroecossistemas, como erosão e perda de fertilidade dos solos, desmatamento e redução de biodiversidade, a contaminação dos solos, água, animais, seres humanos e dos alimentos, tornando-o insustentável (GONÇALVES; ENGELMANN, 2009; PASQUALOTO, KAUFMANN, WIZNIEW, 2019; ZANETTI; BIONDO, 2021).

O modelo convencional de agricultura interferiu, ainda, na forma de produzir e comercializar alimentos, que passou a atender as demandas dos complexos agroindustriais, em detrimento do campesinato. Grandes centros de distribuição passaram a abastecer o comércio local com alimentos de diferentes regiões do mundo, quebrando com a lógica dos produtos locais e da safra, e desestruturando as pequenas feiras e seus comerciantes (RIGON *et al.*, 2006; GONÇALVES; ENGELMANN, 2009).

Além disso, o êxodo rural, a urbanização e a expansão dos impérios alimentares são também características deste sistema de produção. Ploeg (2008, p.260) destaca que “essa expansão se processa como a *conquista* da natureza, da vida, dos alimentos e da agricultura. Ela afeta igualmente padrões de consumo, a saúde e a identidade dos consumidores.” Este processo incidiu não só sobre segurança alimentar pelo uso de agrotóxicos, drogas veterinárias, produtos químicos, entre outros (STOPELLI; MAGALHÃES, 2005; FROTA; SIQUEIRA, 2021; LOPES; ALBUQUERQUE, 2021), como também na diminuição da qualidade nutricional desses alimentos (RIGON *et al.*, 2006).

Pelo exposto, é possível afirmar que o modelo de agricultura convencional é insustentável, pois além dos danos causados a fauna, flora e solo, causa também um grande desequilíbrio social. Porém, existem alternativas a esse modelo de agricultura, e a esse padrão de consumo insustentável, dentre elas o Bem Viver.

Para Acosta (2016) o Bem Viver é uma ideia em construção, e por isso, uma oportunidade para organizar e estabelecer novas formas de vida, de forma coletiva e livre de preconceitos. No

Bem Viver o conceito tradicional de desenvolvimento deve ser superado, introduzindo uma visão muito mais diversificada e complexa.

O Bem Viver, como uma proposta alternativa de desenvolvimento, remete a questões como espiritualidade, natureza, modos de vida e consumo, política e ética, na relação sociedade e natureza, onde as bases comunitárias estão orientadas por princípios diferentes daqueles que propagam o capitalismo (SANTOS *et al.*, 2017; COSTA; KÜHN, 2019).

Nessa abordagem, o Bem Viver se relaciona à melhoria da qualidade de vida das pessoas, e esta é alcançada com relações familiares, educação, trabalho, hábitos e ambiente. A Secretaria Nacional de Planificación y Desarrollo do Equador (SENPLADES) define o Bem Viver como:

[...] um compromisso com a mudança [...] que permite a aplicação de um novo paradigma econômico, cujo final não se concentra no material, na acumulação mecanicista e interminável de bens, mas em vez disso promove uma estratégia econômica inclusiva, sustentável e democrática. [...] Além disso, Bem Viver' é construído [...] sobre a transição do atual antropocentrismo para o biopluralismo [...]. Finalmente, 'Bem Viver' também se baseia nas demandas por igualdade e justiça social, e no reconhecimento, avaliação e com diálogo dos povos e suas culturas, formas de conhecimento e modos de vida (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017, p.234).

A concepção do Bem Viver busca o fortalecimento das relações comunitárias e solidárias, os espaços comuns e as mais diversas formas de viver coletivamente, com respeito a diversidade e a natureza. A diversidade dos povos é reconhecida e se rompe com setores privados / capitalistas como estruturas únicas, dando maior peso aos modelos cooperativos e comunitários, e as necessidades da população se adaptam a diversidade biológica e equilíbrio de todos os sistemas de vida (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017; COSTA; KÜHN, 2019).

Para pensar o Bem Viver como alternativa é necessário, portanto, buscar outra forma de economia, fundamentada na solidariedade e na sustentabilidade, com reciprocidade, complementariedade, responsabilidade, respeitando que todos os seres vivos são necessários ao planeta, além da diversidade cultural, as equidades e a democracia. Cabe ressaltar que a economia deve se submeter a ecologia, porque é a natureza que estabelece os limites e alcances da sustentabilidade e a capacidade de renovação dos sistemas¹. As atividades produtivas, dependem da natureza e se esta for destruída, se destroem as bases da própria economia (ACOSTA, 2016)

¹ Esta abordagem econômica inicia com a obra de Georgescu-Roegen (1971), que incluiu a Lei da entropia no raciocínio econômico, estabelecendo revisões profundas na teoria econômica convencional, desde a crítica contra representação mecanicista do funcionamento da economia, incorporando abordagens complexas, até a questão da finitude dos recursos naturais. Posteriormente, suas ideias deram origem às interpretações atualmente utilizadas pela Economia Ecológica e pela Bioeconomia.

O Bem Viver não busca uma ruptura imediata com o atual modelo, mas propõe a retomada de um horizonte – um futuro com justiça e igualdade, uma aliança pela preservação da vida no planeta Terra. Para isso, é necessário buscar apoio no conhecimento ancestral, e isso não significa fazer uma leitura utópica do passado, mas utilizá-lo como respaldo para a produção do presente e do futuro (BONIN, 2015).

Considerando esse enfoque, o Bem Viver necessita de um modelo de agricultura que seja mais sustentável. Neste contexto, há uma aproximação com a agricultura familiar e camponesa, através da Agroecologia. Torres e Silva (2016), afirmam que a Agroecologia se relaciona à agricultura familiar, pois, entre outros fatores, necessita maior grau da intervenção humana, e nesta perspectiva, novas oportunidades surgem. Os autores avaliam ainda que o espaço rural não pode ser reduzido somente à sua dimensão agrícola, sendo possível buscar outras atividades, como o turismo, lazer, criação de animais e de plantas exóticas, além de outros serviços rurais.

A Agroecologia, por sua vez, é entendida como uma ciência ou disciplina científica que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, avaliar e desenhar agroecossistemas sustentáveis. Estes teriam a finalidade de permitir a implantação de estilos de agricultura (CONTERATO; SCHNEIDER; WAQUIL, 2010) e de desenvolvimento rural com maiores níveis de sustentabilidade no curto, médio e longo prazos (CAPORAL; AZEVEDO, 2011).

Na Agroecologia, alguns aspectos fundamentais são considerados e debatidos como a visão de que os agricultores devem ser sujeitos ativos, em diálogo com as disciplinas científicas. A idéia é que é preciso observar a natureza e tirar lições da sua forma de funcionamento em particular dos seus sistemas de regeneração e a necessidade de investir-se em inovações tecnológicas que partam de outros pressupostos que não a busca do lucro e do aumento da produtividade simplesmente (SEVILLA-GUZMÁN, 2001; SANTOS *et al.*, 2020). Nesta abordagem, o saber dos agricultores deve ser considerado nas abordagens acadêmicas, independentemente de sua escolaridade, porque são formas diferentes e complementares de aprendizado e de conhecimento.

Segundo Balem e Silveira (2002), é importante compreender que praticar agroecologia não é apenas mudar as formas de produzir alimentos, mas a forma de viver, ou seja, a busca dos agricultores em viver e sobreviver da agricultura, reconhecendo-a como um modo de vida e garantir às futuras gerações sistemas naturais equilibrados. Conforme Brandão e Dellai (2018 p. 3):

Ambos os conceitos estão em constante construção, sendo que seus significados remetem a compreensão de uma relação/reintegração harmoniosa com a natureza, de respeito com a vida, com a espiritualidade humana, com a proteção da cultura e

biodiversidade, “responsabilidade social e compromisso ético” com a vida e o planeta (BRANDÃO; DELLAI, 2018, p.3).

Para além de conceitos teóricos, a Agroecologia e o Bem Viver se apresentam como importantes ferramentas para a construção de uma agricultura alternativa² (Almeida, 2009), com propostas para enfrentar o atual modelo de desenvolvimento da agricultura industrial (MORAES; SORRENTINO, 2017).

De acordo com Brandão e Dellai (2018), avançar no fortalecimento de políticas e pesquisas que estejam fundamentadas na Agroecologia e no Bem Viver, demanda um enfoque na soberania alimentar³, no resgate da ancestralidade e no reconhecimento da natureza como um sistema vivo e complexo, possuidor de direitos. Assim, se observa uma busca pelo diálogo entre os paradigmas do Bem Viver e da Agroecologia, onde se reconhece o processo histórico de cada povo, bem como a soberania sobre os seus territórios.

Neste contexto, o presente trabalho teve como objetivo geral entender e discutir as motivações de uma família de agricultores em optar pela Agroecologia como modo de vida na busca do Bem Viver e os impactos dessa escolha na sua qualidade de vida.

2 Metodologia

O trabalho é um estudo de caso em uma propriedade rural agroecológica, com uma abordagem qualitativa, a partir das histórias de vida dos integrantes desta família. A coleta de dados combinou múltiplas fontes: entrevista semiestruturada com a participação de todos os integrantes da família, observação participante, conversas com a família e visita guiada pela propriedade, no período de janeiro a outubro de 2019. Ao mesmo tempo foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema de estudo.

Conforme Silva *et al.* (2007), o método de história oral envolve o estudo do indivíduo, mas tem por objetivo acessar uma realidade que ultrapassa o narrador, buscando entender o

² Conforme Almeida (2009), a agricultura alternativa se reveste de conotação contracultural e coloca-se como diferente em relação à chamada agricultura convencional ou “moderna”. A agricultura alternativa enfatiza a necessidade de tecnologia, processos e métodos de produção adaptados às condições ambientais, socioeconômicas e culturais, recorrendo às noções de autonomia e autoconstrução e apresentando as seguintes características principais: relação mais estreita e equilibrada entre o ambiente natural e aquele criado pelos humanos; beneficia a diversidade social, econômica, ecológica e cultural; implica a criação e gestão de sistemas de produção que promovam maior autonomia; busca a construção de um futuro mais livre e a constituição de uma sociedade autônoma e democrática.

³ “A soberania é concretizada quando os povos têm a liberdade de definir o que, como e para quem produzir, uma vez que a soberania passa, essencialmente, pela capacidade de cada nação de produzir seu alimento” (SILVA, 2020).

universo do qual ele faz parte, evidenciando a relação entre o mundo subjetivo e os fatos sociais. Já Becker (1999, p. 109) destaca a importância deste método para entender o processo que ocorreu e/ou que está em andamento, para ele “a história de vida, mais do que qualquer outra técnica, exceto, talvez, a observação participante, pode dar um sentido à superexplorada noção de processo”. As histórias de vida permitem captar aspectos autobiográficos e culturais que outros métodos não conseguem, incluindo a possibilidade de acessar “informações e conhecimentos que o indivíduo detém; reconstruir fatos que não estão registrados em outros tipos de fontes; identificar como as pessoas efetuam e elaboram suas experiências; relacionar situações de aprendizagem e decisões; entender como os indivíduos experimentam o passado e interpretam suas ações cotidianas; e delinear a trajetória de vida (...)” (ITELVINO et al, 2018 p. 482).

Conforme Silva *et al.* (2007 p.33-34), “o método de História de Vida é um método científico com toda força, validade e credibilidade de qualquer outro método, sobretudo porque revela que por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva, mostrando também o quão genérica é a trajetória do ser humano”. No caso deste trabalho, a história de vida é analisada para compreender as motivações de uma família de agricultores em optar pela Agroecologia como modo de vida na busca do Bem Viver, como ocorreu esse processo e os impactos dessa escolha na sua qualidade de vida.

Entende-se também que a pesquisa é um estudo de caso, que busca investigar um fenômeno atual dentro de seu contexto de vida real, onde as divisões entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidências são utilizadas (YIN, 2001). É uma pesquisa qualitativa que considera o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (FREITAS; JABBOUR, 2011).

A escolha da propriedade se deu a partir de uma conversa inicial com a EMATER municipal, que identificou famílias participantes do Programa Santa Clara Mais Saudável, uma iniciativa municipal de incentivo para a produção e consumo de alimentos livres de agrotóxico, criada em 2017. Optou-se pela propriedade estudada devido ao interesse demonstrado pela família, que produz alimentos agroecológicos desde 2017, em vivenciar a Agroecologia e buscar, em pouco tempo, novas possibilidades para seu desenvolvimento.

Os dados foram obtidos através de visita *in loco*, registro fotográfico, caminhada guiada e entrevista. O registro dos dados foi feito por escrito no roteiro de entrevista, e com a

autorização da família, a entrevista foi gravada e transcrita integralmente. O nome dos agricultores e familiares foram identificados apenas com as letras iniciais de nomes e sobrenomes.

A análise dos dados foi realizada a partir da imersão nas gravações e transcrições das entrevistas. Em estudos de caso não é possível estabelecer esquemas rígidos de análise e interpretação como construção de categorias, tabulação, codificação, entre outros, sendo que o foco da análise e interpretação dos dados é qualitativa e não existem “fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores” (GIL, 2008).

2.1 Localização e descrição da área de estudo

O trabalho foi realizado em uma propriedade agroecológica localizada na comunidade de Alto Arroio Alegre, interior do município de Santa Clara do Sul, na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. O Vale do Taquari está localizado na área central do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1), possui 4.826,4 km² de área e a população total em 2018 era de 369.710 habitantes, dos quais aproximadamente 74% em áreas urbanas e 26% em áreas rurais. A região é formada por 36 municípios, entre eles, Santa Clara do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2015; FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2018).

Figura 1 – Mapa de localização do município



Fonte: Adaptado de Governo do Estado do RS (2015).

Segundo o Censo Agropecuário de 2006 (IBGE, 2010), o Vale do Taquari contava com 25.698 propriedades rurais, com tamanho médio de 13,53ha. A agropecuária possui uma participação importante na economia regional, destacando-se a criação de aves, suínos, bovinos de corte e de leite. Os cultivos do milho, da erva-mate e da uva também se destacam. Essa produção se dá, em sua maior parte, em pequenas propriedades (IBGE, 2010; KOLCHINSKI; ZANETTI, 2017).

A colonização do município de Santa Clara do Sul iniciou em 1869, quando chegaram as primeiras famílias de imigrantes alemães e austríacos e, posteriormente, de italianos. Atualmente a população do município é predominantemente composta por descendentes de imigrantes alemães (IBGE, 2010).

No município, há forte expressão agrícola, com 619 estabelecimentos agropecuários, que possuem em média 11,26 ha de área, segundo o Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2017). As atividades são bem diversificadas, destacando-se a suinocultura, avicultura, bovinocultura de leite, produção de milho e soja. Além disso, o município tem se destacado pela significativa ampliação do número de agricultores dedicados ao cultivo de hortaliças e espécies frutíferas diversas, em sistema ecológico de produção (LEIDENS *et al.*, 2020; BONJORNO; ZANETTI; LEIDENS, 2021).

2.2 Caracterização da propriedade

A propriedade estudada possui área total de 10,1 hectares e está localizada na comunidade de Alto Arroio Alegre, a aproximadamente 17 Km da sede do município de Santa Clara do Sul e a 2 km da divisa com o município de Sério.

Da área total da propriedade, aproximadamente 3,4 hectares (34%) são utilizados para produção de alimentos agrobiodiversos (Tabela 1), parte da área estava em pousio durante o levantamento de campo para a pesquisa (16%) e a outra metade da propriedade é coberta por áreas de preservação (50%), não consta na Tabela 1. Cabe ressaltar que alguns dos sistemas agroflorestais ainda estão em fase de implantação (Tabela 1).

Atualmente, são produzidas no local mais de 100 variedades entre frutas, hortaliças e grãos, bem como plantas alimentícias não convencionais (PANC), tanto para comercialização como para o consumo familiar. No que se refere ao sistema de produção, a família não faz distinção entre o que é consumido na propriedade e o que é comercializado, utilizando o mesmo

sistema em todos os espaços. A família vem trabalhando para implantar sistemas agroflorestais em todas as áreas de produção.

Tabela 1 – Áreas da propriedade que estão em uso, em implantação de sistemas agroflorestais (SAF) e área cujo projeto para uso está em planejamento.

Área	Metragem (m ²)	Situação	Usos (todas as áreas estão sendo implantadas em SAF)
Área 1	15.000	Em implantação	Citricultura e hortaliças
Área 2	1.500	Em implantação	SAF Banana
Área 3	1.700	Projeto	SAF Citricultura
Área 4	1.800	Implantado	SAF Hortaliças
Área 5	2.500	Implantado	Fruticultura (diversificada)
Área 6	3.200	Projeto	SAF Galinhas poedeiras
Área 7	4.300	Implantado	Hortaliças
Área 8	4.100	Em implantação	Madeira / Frutas
Total	34.100 (3,41 ha)		

Fonte: dados de pesquisa de campo

Quando adquirida no ano de 2008, através do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), a área encontrava-se abandonada a mais de 15 anos. Na figura 2 pode-se visualizar e identificar as áreas de produção citadas na tabela 1, através do croqui da propriedade estudada.

Figura 2 – Croqui da propriedade com demarcação das áreas de produção



Fonte: Adaptado de Google Earth, 2019.

Possuem ainda criação de porcos e galinhas, além do projeto para adquirir uma vaca, com o intuito de produzir leite para o consumo, criação de terneiros para consumo de carne, bem como o aproveitamento do esterco, para a produção de composto orgânico para uso no manejo da fertilidade do solo.

Hoje são aproximadamente 1,5ha de área de canteiros para hortaliças, e segundo os agricultores, não conseguem fazer mais do que isso devido à carência de mão de obra disponível, uma vez que a família conta apenas com sua força de trabalho. Para superar esta dificuldade, eles diversificam a produção nos canteiros, buscando melhor aproveitamento do espaço, para viabilizar uma produção suficiente e diversificada para a demanda familiar.

3 Resultados e discussão

3.1 Trajetória social e estruturação da propriedade

A unidade familiar é composta por quatro membros, conforme Tabela 2 a seguir. O casal nasceu e passou a infância e parte da adolescência na agricultura, onde junto com seus pais produziam culturas anuais, principalmente alimentos.

Tabela 2 – Constituição da Unidade Familiar

Identificação	Idade	Parentesco	Sexo	Escolaridade
J.C.S.	33	Esposa	F	Médio Completo
E.M.	37	Marido	M	Médio Completo
L.M.	12	Filho	M	Fundamental incompleto (Sétimo ano)
I.M.	6	Filha	F	Fundamental incompleto (Primeiro ano)

Fonte: Autores.

A unidade familiar teve início em 2004, quando o casal ainda residia e trabalhava em ambiente urbano, na cidade de Lajeado / RS. No ano de 2006, ao mesmo tempo que encaminhou o PNCF, adquiriu uma área de terras em parceria com o pai do agricultor, em Santa Clara do Sul, dando início ao cultivo do fumo, que se estendeu até o ano de 2010. Segundo os agricultores, além dos quatro anos plantando fumo, levou-se mais quatro anos para pagar as dívidas, devido ao financiamento de um forno. O agricultor relata que tiveram muitos prejuízos, pois não conheciam nada sobre essa cultura.

Em 2008 o casal adquiriu a área onde reside atualmente, através do PNCF. O pai do agricultor comprou a propriedade ao lado e as famílias passaram a trabalhar juntas, com gado de leite. Porém, a renda não era suficiente e em 2010, a família voltou a morar e trabalhar em Lajeado, enquanto a área passou a ser usada para o plantio de milho para silagem e pastagem até o ano de 2014.

O casal permaneceu trabalhando na cidade até 2017, mas nesse período voltou a morar na propriedade por um curto período, e em seguida adquiriu um terreno próximo a Santa Clara do Sul, onde residiu até retornar novamente para a propriedade. No final de 2017, a família decidiu que voltaria a ocupar a propriedade e em 2018 começaram a produzir na área, que estava desde 2014 sem uso. Em 2019 mudaram-se para a área, inicialmente para um galpão que haviam construído, onde permaneceram por aproximadamente quatro meses, até a casa, construída em madeira por eles mesmos, estar pronta.

A estruturação da propriedade se deu basicamente através de políticas públicas. Segundo Torres e Silva (2016), nos últimos vinte anos houve diversas políticas públicas voltadas aos agricultores familiares, pautadas principalmente por movimentos sociais que além de terra e crédito, passaram a buscar melhores condições de vida no campo.

Entre as políticas públicas que tiveram acesso, destaca-se a aquisição da terra através do Programa Nacional de Crédito Fundiários (PNCF), a colocação da luz através do Programa Luz para todos, e mais recentemente, a construção do galpão e compra de equipamentos através do PRONAF, bem como a comercialização dos produtos através do Programa Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Além disso, participam do Programa Santa Clara Mais Saudável, uma política pública municipal de apoio a Agroecologia e Produção Orgânica, estabelecido através da Lei 2.206, de junho de 2017 (SANTA CLARA DO SUL, 2017) e recebem assistência técnica – ATER, da EMATER / RS – ASCAR. Em 2017 28 famílias aderiram ao programa, em 2018, 15 foram certificadas.

Em relação ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), foi organizado dois projetos no ano de 2018, um para construção do galpão e compra dos equipamentos e outro para aquisição de sistema de irrigação e caixa d'água. Em 2019, foram encaminhados mais dois projetos, um para a aquisição de 500 galinhas poedeiras e uma vaca e o outro para construção do galinheiro, que será construído em Sistemas Agroflorestais (SAFs) com produção de frutas e galinhas poedeiras. Segundo informações do técnico da EMATER, este projeto será financiado através do PRONAF Agroecologia, já que a ideia é a produção de ovos orgânicos.

Quando questionado sobre o número de galinhas e sobre a legalização para venda dos ovos, os agricultores relatam a possibilidade da criação de um entreposto de ovos pela prefeitura municipal, que está estudando a possibilidade de viabilizar um espaço coletivo com estrutura necessária para o beneficiamento e legalização, onde os agricultores arcariam com as despesas.

O Programa Santa Clara Mais Saudável iniciou em 2017, envolvendo 28 famílias de agricultores que aderiram ao programa. Em 2018, 15 delas receberam certificação orgânica. O programa auxilia os agricultores com diversos incentivos para o desenvolvimento das atividades agrícolas, como subsídios no custo de horas máquina (sistematização áreas, reservatórios água); frete para adubos orgânicos e compostos; subsídio análise de solo; cursos, oficinas; transporte para atividades técnicas; compra de produtos orgânicos para alimentação escolar; e parceria com instituições, com a EMATER.

Importante destacar que a institucionalização da agroecologia nas políticas públicas, nos diversos âmbitos de governo, propicia um modelo de desenvolvimento sustentável, com o fortalecimento da agricultura familiar, impactando positivamente as dimensões sociais, ambientais e impulsionando a economia e desenvolvimento locais (CANAVESI; MOURA; SOUZA, 2016).

3.2 Percepções da família quanto as práticas de manejo agroecológico, agrobiodiversidade e sistemas agroflorestais

O manejo e conservação do solo e da água são fatores de extrema importância para a manutenção dos agroecossistemas. Caporal; Azevedo (2011) citam que há diversidade de técnicas de manejo, como uso de cobertura vegetal, plantas fixadoras de nitrogênio, cobertura morta, adubos orgânicos e compostos, pós de rocha, entre outros, as quais devem ser adaptadas a cada agroecossistema

Neste sentido, na propriedade estudada são utilizadas várias técnicas de manejo e conservação, entre elas, o uso de insumos como caldas e biofertilizantes, uso de leite, pó de rocha, bem como a utilização de composto orgânico e de produtos biológicos e fitoterápicos, de empresas certificadas e a homeopatia. Os agricultores ressaltam, no entanto, que não há necessidade do uso intensivo desses insumos, pois não utilizam agrotóxicos e há grande diversidade vegetal, mantendo o sistema equilibrado.

Fato corroborado por Gliessmann (2000), que observou que a biodiversidade mantém o equilíbrio das espécies, diminuindo assim os problemas fitossanitários e o ataque de pragas, e

consequentemente, elimina a necessidade do uso de insumos externos. Altieri (2004), avalia que quando se reestabelece a biodiversidade nos agroecossistemas, ocorrem inúmeras interações entre solo, plantas e animais, produzindo autorregulação e sustentabilidade ao sistema (NICHOLLS; ALTIERI, 2013).

Outra forma de manejo e conservação da agrobiodiversidade é a cobertura do solo (Figura 3). Os agricultores mantem o solo sempre coberto; ou com cobertura seca (bagaço de cana, folhas secas, entre outras), ou com adubação verde (feijão de porco, crotalária, trigo mourisco, margaridão, girassol, além de aveia e azevém). A água utilizada na propriedade é obtida diretamente de fonte localizada na propriedade, de boa qualidade e suficiente para o uso, tanto para consumo quanto para irrigação. Com orientação e ajuda dos técnicos da EMATER municipal, foi realizada a proteção das fontes, evitando contaminações.

Figura 3 – Manejo do solo na propriedade utilizando palha para cobertura e proteção.



Fonte: Arquivo pessoal da família (2019).

O solo e a água são recursos indispensáveis para a vida, e vem sendo contaminados dia a dia pelo modelo convencional de agricultura (SILIPRANDI, 2009). Assim, é importante destacar que desde o retorno à propriedade, a família trabalha com produção de base ecológica, sendo que a terra estava sem uso desde 2014, ou seja, a aproximadamente cinco anos não são utilizados insumo químico ou agrotóxico na propriedade, não havendo contaminações no solo e água.

É possível observar que na propriedade se aplicam os componentes básicos de manejo de agroecossistemas, citado por Nicholls e Altieri (2013), sendo eles a cobertura vegetal para conservação do solo e água; o suprimento de matéria orgânica, através do uso de esterco e compostos e promoção da atividade biológica do solo. Além destes, o uso de mecanismos de reciclagem dos nutrientes, como a rotação de culturas, sistemas mistos de cultivos/criação;

agroreflorestamento e sistemas de consorciação baseados em Leguminosas; e o controle das pragas pelo incremento da biodiversidade e da entomofauna benéfica e inimigos naturais.

Quando iniciaram as atividades, a maioria dos cursos e intercâmbios oferecidos aos agricultores que participam do programa *Santa Clara Mais Saudável*, já haviam acontecido. Então, os agricultores destacam que aprenderam a trabalhar com agroecologia através das orientações dos técnicos da EMATER, pesquisando na internet, mas principalmente, no dia a dia, “*por experiência própria*”, como ressalta a agricultora.

Neste sentido, é importante destacar o conhecimento empírico dos agricultores, obtido através da observação e experimentação diárias. Conhecimento este, que tem grande valor e importância na Agroecologia. Gliessman (2000) salienta que a agroecologia valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, bem como a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade. Os saberes populares que são construídos a partir de experiências empíricas da relação do homem com a terra, possuem valor social e se baseiam no uso social da terra para produzir alimentos e o Bem Viver, e o conhecimento produzido deve ser utilizado para transformar a realidade de quem faz a agricultura (BALEM; SILVEIRA, 2002; DE MARI *et al.*, 2017).

A propriedade já conta com áreas implantadas de SAF, em fase inicial de desenvolvimento, conforme apresentado na tabela 1, porém o objetivo é que toda a propriedade seja um Sistema Agroflorestal (Figura 4). Inclusive, a família já encaminhou o pedido de Certificação Agroflorestal⁴ para a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA). Além de vantagens técnicas, a agrofloresta ajuda a manter os agricultores no campo, pela utilização racional da mão de obra familiar durante o ano, fato levantado pelos agricultores, quando avaliam que a produção de hortaliças exige mão de obra muito intensa, e por isso, não pretendem depender apenas da comercialização de verduras como fonte de renda.

Os agricultores conheceram o sistema agroflorestal através do técnico da EMATER, e optaram em trabalhar nesse sistema por ser uma proposta nova, um desafio, que eles encararam e se encantaram. O sistema agroflorestal contribui muito para a diversificação de espécies, que por sua vez aumenta a biodiversidade. Assim, como discutido por Gliessman (2000) quanto mais

⁴ A certificação é um procedimento da Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura que visa legalizar o manejo e uso de espécies nativas, passíveis de licenciamento, tais como Sistemas Agroflorestais, Extrativismo de Produtos da Flora Nativa não Madeiráveis e áreas de Florestas Plantadas com Espécies Nativas. Agricultores familiares, populações tradicionais, indígenas e quilombolas são isentos do pagamento de quaisquer taxas, e dispensado de apresentar Responsável Técnico. (SEMA, 2020).

biodiverso for o sistema, maior será o equilíbrio das espécies e menores serão os problemas fitossanitários.

Figura 4 – Sistema agroflorestal na área 4 da propriedade – a) Vista a distância do sistema agroflorestal; b) Sistema agroflorestal implantado junto a culturas de hortaliças.



Fonte: Diedrich (2019).

A propriedade apresenta muitas espécies da agrobiodiversidade, sendo produzidas mais de 100 variedades, entre frutas, hortaliças, grãos, Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), adubação verde e madeiráveis. Além das espécies de hortaliças mais comumente comercializadas nas feiras, como variedades crioulas de couves, brócolis, alfaces, beterraba, cenoura, entre outras, também são cultivadas e comercializadas grande diversidade de PANC. As PANC são consideradas de grande importância na agroecologia, pois além de toda dinâmica e riqueza produzida em termos de interações nos agroecossistemas que geram alta resiliência (BIONDO *et al.*, 2018; LEIDENS *et al.*, 2020) são fonte de nutrientes e alimentação diversificada (KINUPP; LORENZI, 2014). Cabe destacar que a agricultora participou de um curso sobre PANC promovido pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA VT), e adquiriu um livro para a identificação das espécies, o qual conta com várias receitas que são testadas na propriedade.

É importante ressaltar o interesse dos filhos na atividade. Ambos participaram o tempo todo da entrevista e acompanharam na caminhada pela propriedade. O menino, demonstrou bastante interesse no assunto, sendo que ele citou a maioria das PANC que existem na propriedade. Além disso, quando possível, participa de atividades de formação junto com a família.

3.3 Comercialização da produção

Além dos programas institucionais, a produção da propriedade é comercializada em duas feiras orgânicas, uma no município de Santa Clara do Sul, aos sábados pela manhã, e outra no município de Lajeado, nas segundas feiras a tarde. A feira de Santa Clara do Sul, já funcionava no município, mas a partir do Programa Santa Clara Mais Saudável, passou a ser de produtos orgânicos .

No município de Lajeado, são comercializadas ainda as cestas de produtos, onde as encomendas são previamente realizadas via meios digitais, e os produtos são entregues nas residências, nas segundas feiras, havendo atualmente 30 consumidores fixos, com entrega em outros cinco municípios. Além disso, parte da produção é comercializada para agroindústrias da região ou através da venda direta na propriedade. Os agricultores relatam a diferença entre os consumidores de Lajeado (grande centro urbano) e de Santa Clara do Sul (pequeno centro urbano) em relação as vendas e procura pela diversidade de produtos, havendo maior procura no município de Lajeado, especialmente pelos produtos da agrobiodiversidade e das PANC.

A propriedade é certificada pela Rede Ecovida de Agroecologia, embora a certificação não seja obrigatória para quem participa do programa municipal. No entanto os agricultores relataram que sempre trabalharam para certificar a propriedade, porém os consumidores possuem muita confiança nos seus produtos e não solicitam a certificação, havendo laços de confiança entre produtores e consumidores.

Vale ressaltar a confiança e a troca de experiências que ocorrem nesses espaços alternativos de comercialização. O convívio, o contato direto entre agricultores e consumidores que ultrapassa a relação de produção e consumo, criando espaços de autonomia, tanto para agricultores como para consumidores, o que segundo Kronbauer *et al.* (2019) reforça a certeza da produção de alimentos seguros.

3.4 Desafios e motivações: por que optar pela Agroecologia?

A propriedades está produzindo em sistemas orgânicos de produção a dois anos. Quando voltaram para a propriedade no início de 2018, os agricultores relatam que não havia equipamentos para o trabalho, e esta foi a maior dificuldade naquele momento. A propriedade estava abandonada e sem uso a pelo menos quatro e todo o trabalho para iniciar as atividades

foi realizado com a mão de obra dos dois agricultores, com uso de ferramentas simples como enxada, pá e picão.

Com a divulgação da importância da produção e consumo de alimentos orgânicos na região através da *Articulação em Agroecologia do Vale do Taquari (AAVT)* que é uma rede de entidades que promovem a produção agroecológica desde 2008 e a atuação do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica do Território Rural Vale do Taquari (NEA VT) e aumentou a demanda por alimentos produzidos em sistemas agroecológicos, o que favoreceu o escoamento do que foi produzido pela família. No entanto, a família não conseguiu atender a toda essa demanda. Neste sentido houve muita dificuldade tanto com a ampliação da produção, por somente haver dois agricultores envolvidos, associado a dificuldades com a comercialização. Atualmente vendem a totalidade do que produzem, havendo grande demanda por estes produtos, a qual não é suprida pela família que objetiva ampliar a produção.

O casal sempre teve vontade de trabalhar no campo, já que ambos foram criados na agricultura, porém, algumas experiências na propriedade não deram certo, o que os levou a colocá-la a venda. Como não conseguiram vender, decidiram que iriam retornar à propriedade, para cultivar alguns alimentos na área. Assim, o agricultor relata que

[...] a princípio nosso plano era só de vim planta alguma coisa de aipim, feijão, coisa assim pra gente come, mas depois nós resolvemo, foi quando fomo conversa com o Ivan⁵ e a Daiana⁶. Na verdade, foi no dia primeiro de janeiro que nós resolvemo, e dia 02 nós já fomo lá fala com o Ivan e a Daiana e no dia 03 eles já tavam aqui. Foi três dias tava tudo resolvido. É que eu tava desempregado, e daí só o salário dela não chegava, daí a princípio ia vim só eu trabalha aqui e ela ia continua trabalhando fora, e depois nós resolvemo, um só não adiantava, ou vai os dois ou não vai ninguém. E pra arrumar emprego tava difícil, e daí acabo que deu tudo certo, é pra ser, sé é pra ser, é pra ser, não adianta. Eu sempre digo, o que é pra ser pra nós, ainda vai ser”.

Antes de trabalhar com Agroecologia, os agricultores já haviam ouvido falar sobre o assunto, porém não sabiam ao certo o que era. Quando questionados sobre o que motivou a trabalhar com Agroecologia e não com o modelo convencional de produção, se obteve como resposta que foi o momento, as circunstâncias.

Relataram que já haviam tentado trabalhar com o sistema integrado em determinado momento, na criação de suínos com uma empresa integradora da região, porém, o custo era muito alto. Considera-se importante ressaltar que a região do Vale do Taquari, assim como o município de Santa Clara do Sul, possui grande tradição nos modelos de produção agroindustriais, através das empresas integradoras. Apesar destas serem responsáveis por

⁵ Ivan Iuri Bonjorno – Engenheiro Agrônomo da Emater / RS – ASCAR.

⁶ Daiana Bald – Coordenadora do Programa Santa Clara Mais Saudável de Santa Clara do Sul / RS.

grande parte do setor agropecuário na região, trabalham na lógica dos pacotes tecnológicos, onde o agricultor torna-se “empregado” da empresa, desvalorizando totalmente seu conhecimento tradicional.

A Agroecologia, pelo contrário, busca a autonomia das famílias. Apesar de não ter conhecimento sobre Agroecologia quando iniciaram o trabalho, em pouco tempo a família apreendeu seu significado, e vem praticando no seu dia a dia. Isso pode ser constatado a partir de uma fala da agricultura, explicando o que entende por Agroecologia, onde ela diz que:

“[...] é tudo, é um todo, pra mim é um ciclo que gira o tempo todo, tudo inclui, os animais, o mato né, a terra o solo, o cuidado com o solo, a água, principalmente a água, é essencial, assim ter água pura com qualidade né, e cuidado até com o ar, com poluição com as queimadas, com tudo né”.

3.5 Aspectos sociais, culturais, ambientais e econômicos

Em relação aos aspectos sociais, os agricultores foram para a cidade ainda na adolescência com o intuito de buscar uma oportunidade, que não tiveram na roça (pouca terra, falta de recursos, entre outros). Com apoio de uma política pública, adquiriram a área e relataram que pensam nos filhos quando avaliam as questões sociais:

“Eu penso muito nos meus filhos, o que eu quero passar pra eles, deixar ensinamentos, valores. É isso que a gente quer deixar, não é tanto pelo dinheiro e coisa, mas isso é o que eu quero que eles tenham pra vida deles. Na cidade é difícil tu ensina eles trabalha né, se torna pessoas decente, respeitando a natureza. Essa é nossa ideia (J.C.S.)”.

Observa-se que a ênfase é menor na renda a ser obtida, embora ela seja importante para a manutenção da família e do próprio estabelecimento. A ênfase na fala do entrevistado é quanto à ética pessoal (“pessoas decentes”) e sustentabilidade ambiental (“respeito a natureza”) para seus descendentes.

Em relação aos aspectos culturais, a família tem participado de muitas atividades, onde é possível trocar experiências, e serem valorizados pelos seus conhecimentos. Participam do “grupo dos orgânicos” (Programa Santa Clara Mais Saudável) onde são realizadas reuniões técnicas, encontros para troca de experiências, cursos, dias de campo e intercâmbios. Participam ainda do grupo de certificação participativa, “Orgânicos de Alto Arroio Alegre”, através da Rede Ecológica de Agroecologia onde se reúnem a cada 2 meses, cada vez na casa de uma família para trocar experiências e realizar a avaliação da conformidade orgânica.

Além disso, a participação nas feiras orgânicas, permite que eles tenham contato e conversem com diversas pessoas e troquem experiências no dia a dia, sendo que a feira de Santa Clara do Sul, possui uma Associação que se reúne eventualmente para discutir questões relevantes ao seu funcionamento. A família busca participar de muitas atividades para aprender coisas novas e trocar experiências, sendo que se revezam em função do trabalho na propriedade. Tem participado ainda de eventos promovidos pela AAVT e NEA VT, onde tem a oportunidade de relatar a sua experiência de vida com a Agroecologia, sendo valorizados pelo seu trabalho.

Em relação aos aspectos ambientais, além dos benefícios em relação ao cuidado com o solo, com a água e não utilizar adubos químicos e agrotóxicos, a família avalia que:

“[...] daqui a 20 anos isso aqui vai ser uma reserva totalmente, porque agora a gente já vê isso, imagina depois, toda biodiversidade que vai ter ali, de passarinhos de tudo, tudo vai vim também. Como a agrofloresta né, a gente já percebe, que tem muito passarinho que não tinha e já veio né, então imagina com o passar do tempo (J.C.S.)”.

Para além disso, avaliam sua satisfação em relação ao trabalho, e em passar isso para os filhos, relatando que se sentem realizados em fazer as coisas e ver que não estão destruindo a natureza, conseqüentemente, as crianças acabam valorizando também.

O estudo não quantificou a renda obtida, mas sim a percepção dos entrevistados sobre esse tema. Nesse sentido, apesar de avaliar que ainda pode melhorar, acreditam ser suficiente para se manterem na propriedade, e avaliam que vai aumentar pelos investimentos que estão fazendo. Porém, a possibilidade de aumentar a renda não influenciou na decisão de trabalhar com Agroecologia, conforme exposto pela agricultora entrevistada:

“[...] é que assim, sempre tinha aquele medo, aquele arrepio, sei lá, quando nós lidava com fumo era muito veneno, eu até depois nem conseguia ir mais ajudar a tirar o brote de fumo, né, porque eu ia quebrando ele ia com a máquina atrás passando, me dava dor de cabeça, eu vomitava, tava sempre mal, e quando eu falei que eu não eu precisava usar veneno, mas daí eu disse, mas então eu tô dentro. Eu adoro trabalhar na terra, mas assim, isso foi assim o que a gente pensou, nem pensava em dinheiro eu acho, foi o que a gente pensou, ia ser melhor, nós não ia depois com o passar do tempo tá doente. Na verdade é isso, tu tem que pensar na tua saúde, tu não tem que pensar em fazer dinheiro (J.C.S.)”.

3.6 Agroecologia e qualidade de vida: a busca pelo Bem Viver

O Bem Viver e a Agroecologia buscam uma agricultura alternativa para o campo, que concilie o uso da terra com seus recursos naturais, através de técnicas de manejo e conservação que protejam a biodiversidade, com um novo olhar na relação entre os seres humanos e a

natureza. Busca também, a valorização e a qualidade de vida das famílias do campo. Neste sentido, se apresenta a seguir as percepções dos agricultores em relação a esses temas.

A família avalia que tem qualidade de vida e que a propriedade proporciona isso a eles. Nas palavras dos agricultores “[...] *qualidade de vida é viver bem, entre os animais, as plantas, e aqui na propriedade a gente tem tudo que quer [...] alimentação saudável, água saudável, o ambiente, tudo está bem então com certeza qualidade de vida a gente tem e muito (J.C.S.)*”.

Nas declarações dos agricultores percebe-se um dos grandes preceitos do Bem Viver, que é um novo olhar na relação do homem com a natureza, onde deve-se entender a natureza como um sistema vivo e complexo, sentimento de pertencimento e, portanto, não devemos explorá-la buscando apenas o lucro. A agricultora explica que:

“[...] a gente não trabalha só para ter lucro, a gente pensa muito no que faz [...] se tu botar numa balança com certeza tu tem mais qualidade de vida que pensando em dinheiro né, por que a gente não trabalha pelo dinheiro, a gente quer manter isso aqui [...] a nossa qualidade de vida depende muito também pro futuro né, pros filhos, isso que a gente pensa em plantar muitas frutíferas, pra manter isso, e é isso que a gente que né, e cuidar também do meio ambiente”.

Em muitos momentos os filhos são citados pelos agricultores, sendo que as relações familiares também estão relacionadas à qualidade de vida e ao *Bem Viver*. Em relação a sucessão, ressaltam que vem trabalhando para que os filhos se sintam pertencentes ao espaço que está sendo construído, pensando também no futuro deles, que é um lugar de vida, e que permaneçam nesse espaço.

Outro aspecto importante avaliado em relação a qualidade de vida, é a saúde. Neste aspecto, a família afirma que tem acesso a posto de saúde e hospital quando necessário, além de ter agente de saúde na comunidade. Durante o último ano, além de gripes e mal-estar rotineiros, ninguém da família esteve doente ou precisou de atendimento médico e não fazem uso de medicação contínua. A família possui o hábito de utilizar plantas medicinais, frutas e hortaliças na preparação de chás e sucos para melhorar a saúde. Hoje, os agricultores se consideram pessoas saudáveis. Porém, nem sempre foi assim. A agricultora relata que:

“Eu antes de plantar, de vim trabalhar aqui, eu tinha problema de depressão, tomava remédio, hoje eu não preciso mais, isso tudo pra mim foi embora sabe, cada vez eu penso em trabalhar mais e ter mais, em diversificar mais, e assim, se sente realizado. Isso cura qualquer problema, se tu tem um problema tu vai ali, fica debaixo das árvore, come uma bergamota, isso não tem preço pra vida da gente, eu sempre digo, não tem preço, isso daí é o paraíso”.

Já em relação a alimentação, a família adquire no mercado apenas o que não é possível produzir na propriedade, que se resume a poucos itens, e nos leva a refletir sobre duas questões fundamentais. Uma se refere a autonomia da família em relação a sua alimentação e outra a diversidade de alimentos que consomem, proporcionando maior saúde pela quantidade de nutrientes e pela qualidade, sendo que a Agroecologia, conforme Lopes *et al.* (2017), busca a produção de alimentos saudáveis e com diversidade.

Conforme descrito anteriormente, o Bem Viver e a Agroecologia estão relacionados a qualidade de vida e ao bem-estar, e estes pressupõem que as pessoas estejam satisfeitas com seu modo de vida, e conseqüentemente com seu trabalho. Assim, os agricultores avaliam que:

“[...] a gente tentou de tudo e nunca deu resultado, nunca foi para frente. Nós tentamo fumo, não foi, tentamo leite, não foi, tentamo que mais, um chiqueirão de porco, não foi, na cidade não deu certo, alguma coisa algum dia tem que dar certo, esse que é nosso planejamento, algum dia alguma coisa tem que dar certo pra gente também e por enquanto a gente tá satisfeito (E.M.)”.

Na mesma linha, a agricultora acrescenta que *“[...] hoje nós tamo fazendo o que a gente gosta, e eu acho que é por isso que tudo tá dando tão certo né, então agora é só bola pra frente”.*

3.7 Expectativas e sonhos para o Bem Viver e a Agroecologia

A família vem buscando um projeto de vida na Agroecologia, não se imagina realizando outra atividade, e a ideia dos agricultores é continuar produzindo alimentos orgânicos, se aprimorando cada vez mais, e aumentando a diversidade. Avaliam que não deixariam a propriedade para voltar a morar na cidade. De acordo com Pinheiro (2004), é a realização de um trabalho que proporcione renda, e traga sentido a família, um espaço de vida com autonomia, saúde, trabalho com a família, pertencimento a um grupo. Assim, a família se sente muito motivada em continuar a trabalhar na propriedade e pretendem fazer cada vez mais, e muita coisa diferente.

Os agricultores relataram que tem muitos sonhos para a família e para a unidade de produção familiar, buscando o Bem Viver e a Agroecologia. Para a unidade de produção, tem muitos sonhos e muita força de vontade para realizá-los. Para a família, entre outras coisas, pretendem juntar dinheiro para poder viajar e conhecer lugares diferentes. Conforme citado anteriormente, sonham que toda a propriedade seja conduzida em sistema agroflorestral, e pretendem investir no turismo e agroindustrialização da produção. A propriedade possui um arroio com cachoeira, que juntamente com toda a vegetação nativa oferece uma oportunidade

para o turismo na propriedade. Neste sentido, cabe citar Torres e Silva (2016), onde avaliam que o espaço rural não pode ser reduzido somente à sua dimensão agrícola, sendo possível buscar outras atividades e serviços, como o turismo, por exemplo.

Os agricultores têm o sonho de serem reconhecidos e valorizados pelo seu trabalho [...] *então a gente quer ser reconhecido, isso que a gente quer, esse é o nosso sonho né, que de valor para o nosso trabalho, porque isso aqui vai durar pra sempre daí, então é um pedaço de chão que vai ser uma reserva assim, esse é o nosso sonho (J.C.S.)*”.

4 Considerações Finais

Os sistemas de produção agroecológicos são uma forma alternativa de produzir alimentos saudáveis, sem causar impactos ambientais, além de dar um novo sentido para as relações de vida no campo, tanto pelos benefícios para a saúde de produtores e consumidores, como pela preservação do meio ambiente. Através do estudo, observou-se que a dinâmica da Agroecologia possibilitou à família, criar laços de pertencimento ao seu espaço de vida, sendo que estes passaram a se sentir parte da natureza, com uma relação de respeito e não de dominação, assim como preconiza o Bem Viver.

Foi possível constatar que as políticas públicas de apoio à Agricultura Familiar, principalmente a política municipal denominada *Programa Santa Clara Mais Saudável*, tiveram papel fundamental na viabilização do empreendimento. A execução destas políticas vão desde a aquisição dos insumos e de parte da produção, passando pelo processo de formação técnica, acesso ao crédito agrícola para realização de investimentos na estrutura de produção. E, também, o auxílio ao acesso à diferentes canais de comercialização como feira local, feira regional, PNAE e PAA, além de apoio estratégico na organização de grupos para fins de certificação participativa. Para além das vantagens econômicas, de relevante importância, percebe-se claramente a valorização dos ganhos não monetários, como autonomia e segurança alimentar, satisfação por cumprir a função social de produzir alimentos seguros, a possibilidade de trabalhar em um ambiente biodiverso, entre outros fatores que impactam diretamente no aumento da qualidade de vida da família.

Foi possível verificar, a partir da análise das falas e dos contatos com a família, a satisfação com o trabalho desenvolvido e a percepção de si mesmos como agentes de transformação do meio onde vivem. Isso se reflete nas aspirações e sonhos que a família tem em relação a

propriedade, na busca de transformá-la, além de um espaço de vida para a família, um local agradável onde qualquer pessoa possa ir e se sentir à vontade.

Constatou-se, com o estudo, que o modo de vida da família está voltado ao *Bem Viver* e a Agroecologia, pois buscam uma agricultura alternativa, com o uso de técnicas de manejo e conservação que protegem a biodiversidade, através de uma nova relação com a natureza, com respeito a terra e aos recursos naturais, buscando qualidade de vida.

Referências

- ACOSTA, A. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. *Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?* **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, UFPR, v. 40, p. 231-251, 2017.
- ALMEIDA, J. *A construção social de uma nova agricultura: tecnologia agrícola e movimentos sociais no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- ALTIERI, M. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BALEM, T. A., SILVEIRA, P. R. C. *Agroecologia: além de uma ciência, um modo de vida e uma política pública*. V Simpósio Latino-americano sobre Investigação e Extensão em Pesquisa Agropecuária - IESA. V Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção - SBSP. 2002.
- BECKER, H. S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1999.
- BIONDO, E. FLECK, M. KOLCHINSKI, E.M.; SANT'ANNA, V.; POLES, R.G. *Diversidade e potencial de utilização de plantas alimentícias não convencionais no Vale do Taquari, RS*. **Revista Eletrônica Científica da Uergs**, v.4, n.1, p.61-91, 2018.
- BONIN, I. *O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade*. **Encarte Pedagógico X**, Jornal Porantim. Dezembro/2015. Disponível em <https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade/>. Acesso em : 18 de outubro de 2019.
- BONJORNO, I. I.; ZANETTI, C.; LEIDENS, G. Referências metodológicas para ações práticas em Agroecologia e Segurança e Soberania Alimentar no Vale do Taquari. In.: BIONDO, E.;ZANETTI,C. (Orgs.) **Articulando a Agroecologia em Rede**, São Leopoldo: Oikos, p. 243-258, 2021.
- BRANDÃO, J. D., DELLAI, W. *Bem viver e agroecologia: da emergência epistêmica à práxis descolonial*. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.
- CANAVESI, F. de C., MOURA, I. F. de, SOUZA, C. *Agroecologia nas políticas públicas e promoção da segurança alimentar e nutricional*. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 23, p.1019-1030, dez. 2016.
- CAPORAL, F. R., AZEVEDO, E. O. de, (Orgs). *Princípios e Perspectivas da Agroecologia*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – Educação a distância, 2011.

- CONTERATO, M.; SCHNEIDER, S.; WAQUIL, P. *Estilos de agricultura: uma perspectiva para a análise da diversidade da agricultura familiar*. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 149-186, 2010.
- COSTA, A.M.; KUHN, D. *Bien Vivir/Buen Viver/Bem Viver: uma proposta de pós-desenvolvimento nas Epistemologias do Sul*. **Revista IDEAS**, v.11, n.1-2,p.34-66, 2017. Disponível em <<https://revistaideas.ufrrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/196/226>>. Acesso 13 jul. 2020.
- DE MARI, L. C., TAVARES, P. D. V. B., FONSECA, V. M. *Alimentos, saberes e educação para o “bem viver”: os camponeses um passo adiante*. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande, v. 34, n. 3, p. 37-54, set./dez. 2017.
- FEE. Fundação de Economia e Estatística. *Perfil Socioeconômico – Vale do Rio Taquari*. 2018. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Vale+do+Taquari>> Acesso em 22 out. 2019.
- FREITAS, W. R. S.; JABBOUR C. J. C. *Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões*. **ESTUDO & DEBATE**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.
- FROTA, M. T. B. Araujo e SIQUEIRA, Carlos Eduardo. *Agrotóxicos: os venenos ocultos na nossa mesa*. Cadernos de Saúde Pública [online]. v. 37, n. 2 [Acessado 18 Fevereiro 2021] , 00004321. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00004321>>. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00004321>.
- GEORGESCU-ROEGEN, N. *The Entropy Law and the Economic Process*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1971
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. 653p.
- GONÇALVES, S., ENGELMANN, S. A. *A agroecologia e a reestruturação do desenvolvimento rural*. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, v.4, n. 8, p. 29-51, ago. 2009.
- IBGE. *Censo Agropecuário 2017 - Resultados definitivos*. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-clara-do-sul/pesquisa/24/76693>> Acesso em: 22 out. 2019.
- IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-clara-do-sul/panorama>> Acesso em: 22 out. 2019.
- ITELVINO, L. S. et al. *Formação do empreendedor social e a educação formal e não formal: um estudo a partir de narrativas de história de vida*. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 99, p. 471-504, Junho, 2018.
- KOLCHINSKI, E. M.; ZANETTI, C. (Orgs.) *Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável do Vale do Taquari/RS*. – Encantado: UERGS; CODETER VT, 2017.
- KINUPP, V.F.; LORENZI, H. *Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PAN’C) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p. 2014.
- KRONBAUER, E.A.; BERNARDO, M.A.T.; ZANETTI, C.; BIONDO, E. *Organização de Controle Social Defensores da Natureza: Relato de Experiência Sobre Regulação da Produção Orgânica em Arroio do Meio, RS*. **Revista Geonordeste**, São Cristovão, ANO XXX, n.2, Edição Especial, p.104-118, jul-dez, 2019.

LEIDENS,G.; ZANETTI,C.; BIONDO, E.; KOLCHINSKI,E.M.; BONJORNO, I. I. *Olhares sobre a Agrobiodiversidade na Produção Agroecológica em Santa Clara do Sul*. **Cadernos e Agroecologia** ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.

LOPES, C. V. A. e ALBUQUERQUE, G. S. C. de. *Desafios e avanços no controle de resíduos de agrotóxicos no Brasil: 15 anos do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos*. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 37, n. 2 [Acessado 18 Fevereiro 2021] , e00116219. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00116219>>. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00116219>.

LOPES, P. R. *et al.* Importância da agrobiodiversidade: conservação *on farm* ou conservação na roça? In: SORRENTINO et al. (Orgs). **Educação, agroecologia e bem viver: transição ambientalista para sociedades sustentáveis**. Piracicaba, SP: MH-Ambiente Natural, 2017.

MORAES, F. C. de; SORRENTINO, M. Agroecologia, movimentos sociais e Bem Viver. In: SORRENTINO et al. (Orgs). **Educação, agroecologia e bem viver: transição ambientalista para sociedades sustentáveis**. Piracicaba, SP: MH-Ambiente Natural, 2017.

NICHOLLS, C.; ALTIERI, M. **Diseños Agroecológicos Para Incrementar la Biodiversidad de Entomofauna Benéfica em Agroecosistemas**. Colômbia, Medellín: SOCLA, 2013. 80p.

PASQUALOTTO, N.; KAUFMANN, M.P.; WIZNIEWKY, J. G. *Agricultura familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável [Recurso Eletrônico]*. 1ed. Santa Maria: UFSM, NTE, 2019. 115P.

PINHEIRO, G. S. R. *Agricultor familiar e projeto agroecológico de vida*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia das Organizações) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

PLOEG, J.D. *Camponeses e os Impérios Alimentares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

RIGON, S. do A. et al. *A Alimentação como Forma de Mediação da Relação Sociedade Natureza: Um Estudo de Caso sobre a Agricultura Ecológica e o Auto-consumo em Turvo – PR*. III Encontro da ANPPAS, Brasília – DF, 23 a 26 de maio de 2006.

RIO GRANDE DO SUL. *Perfil Socioeconômico: COREDE Vale do Taquari*. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/17095341-perfis-regionais-2015-vale-do-taquari.pdf>> Acesso em 13 out. 2019.

SEMA. Secretaria Estadual do Meio Ambiente. *Certificação para Uso Sustentável da Flora Nativa*. Disponível em <https://www.sema.rs.gov.br/sistemas-agroflorestais>. Acesso em 25 nov. 2020.

SANTA CLARA DO SUL. **Lei Nº 2.206, de 29 de junho de 2017**. *Dispõe sobre incentivos ao Programa de Produção de Alimentos Orgânicos e Agroecológicos, e dá outras providências*. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/santa-clara-do-sul/lei-ordinaria/2017/220/2206/lei-ordinaria-n-2206-2017-dispoe-sobre-incentivos-ao-programa-de-producao-de-alimentos-organicos-e-agroecologicos-e-da-outras-providencias>> Acesso em: 19 out. 2019.

SANTOS, L. C. R dos, et al. *Agroecologia: saberes e práticas locais como componentes do Bem Viver*. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. v. 03, ed. especial, dez. 2017.

- SANTOS, A. et al. *Interdisciplinaridade, agroecologia e o homem com sujeito ativo na relação com a natureza*. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.6, n.9, p69208 -69225, 2020.
- SEVILLA GUZMÁN, E. *Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia*. **Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 35-45, jan./mar. 2001.
- SILIPRANDI, E. C. ***Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar***. 291f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2009.
- SILVA, A.P. et al. *“Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida*. **Mosaico: estudos em psicologia**. (1):25-35. 2007
- SILVA, M. Z. T.. *A segurança e a soberania alimentares: conceitos e possibilidades de combate à fome no Brasil*. **Configurações**, 25.-1, p. 97-111., 2020
- STOPPELLI, I. M. de B. S.; MAGALHAES, C. P.. *Saúde e segurança alimentar: a questão dos agrotóxicos*. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. p. 91-100, Dec. 2005.
- TORRES, A. V. da S.; SILVA L. A. G. C. Agricultura familiar em destaque. In: Câmara dos Deputados. **Legislação sobre agricultura familiar [recurso eletrônico]: dispositivos constitucionais, leis e decretos relacionados a agricultura familiar**. Brasília: 2016.
- VOGTMANN, H; WAGNER, R. *Agricultura ecológica: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ZANETTI,C.; BIONDO,E. Introdução: Constituição do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica no Território Rural Vale do Taquari, RS, Brasil. In.: BIONDO, E.;ZANETTI,C. (Orgs.) **Articulando a Agroecologia em Rede**, São Leopoldo: Oikos, 2021, p.19-33.